

LIVRO DE UMA SOGRA (1895), DE
ALUÍSIO AZEVEDO (OU “COMO CONSERVAR
O AMOR SEXUAL”)

LIVRO DE UMA SOGRA (1895), BY ALUÍSIO AZEVEDO
(OR “HOW TO PRESERVE SEXUAL LOVE”)

LEONARDO MENDES¹
MARINA POZES PEREIRA SANTOS²

1 Professor Associado de Literaturas de Língua Inglesa e Teoria Literária do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

2 Doutoranda em Literatura Comparada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com pesquisa sobre os aspectos antipatriarcais do romance naturalista no Brasil.

Resumo: Nesse trabalho, propomos estudar o *Livro de uma sogra* (1895), de Aluísio Azevedo, como um produto cultural comercialmente bem-sucedido. Para compreender o sucesso do livro, o situamos no contexto da expansão editorial do fim do século e do aparecimento dos “manuais práticos”. A obra se comunicava com o “sogrismo”, uma antiga tradição satírica que maldizia as sogras. Valia-se de apimentadas estratégias libertinas, como a narradora feminina ilustrada, e tinha como missão ensinar aos leitores como manter viva a chama sexual no casamento. Nessa visada, o *Livro de uma sogra* emerge como uma obra erótica, popular e cômica, que marcou a vida cultural da *Belle Époque*.

Palavras-Chave: Aluísio Azevedo, *Livro de uma sogra*, erotismo, naturalismo, comércio livreiro.

Abstract: In this paper, we propose to study *Livro de uma sogra* (1895), by Aluísio Azevedo, as a commercially successful cultural product. To understand the book's success, we situate it in the context of the end-of-the-century publishing boom and the appearance of "how-to manuals". The work communicated with "sogrismo," an old satirical tradition that cursed mothers-in-law. It made use of spicy libertine strategies, such as the free-thinking female narrator, and its mission was to teach readers how to keep the sexual flame alive in marriage. In this view, o *Livro de uma sogra* emerges as an erotic, popular, and comic work that marked the cultural life of the *Belle Époque*.

Keywords: Aluísio Azevedo, *Livro de uma sogra*, eroticism, naturalismo, book trade.

1. LIVRO DE UMA SOGRA E A HISTORIOGRAFIA

Embora festejado como grande escritor brasileiro, Aluísio Azevedo foi autor de obras mal compreendidas e rejeitadas até mesmo pelo círculo mais próximo de apoiadores. Desde o início da carreira, a partir do bem-sucedido *O mulato* (1881), era visto como um escritor desigual, que poucas vezes acertou e agradou à elite letrada. Muito de sua boa acolhida vinha do empenho do irmão mais velho Artur, prolífico autor de teatro e de coluna opinativa em vários periódicos da capital e das províncias. Artur divulgava incansavelmente os livros de Aluísio, mas preferia três: *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884) e *O cortiço* (1890), com hierarquia de importância inversa à ordem de publicação. *O cortiço* era sua grande obra e *Casa de pensão* superior a *O mulato*. Assim pensavam Artur e outros apoiadores, como Valentim Magalhães, Coelho Neto e Olavo Bilac. Eram as obras em que Aluísio mais se aproximava do romance realista burguês, austero, trágico e moralizador, validado pela elite letrada (MENDES; CATHARINA, 2019). O “homem fisiológico” do naturalismo era perturbador, mas necessário e tolerável. As obras faziam o retrato de uma época e de um povo, com vistas ao seu aprimoramento. Era importante destacar a seriedade das obras, seu nacionalismo e caráter civilizador, num momento em que lutavam para dar respeitabilidade à profissão de escritor, culminando nos debates sobre os direitos au-

torais e na criação da Academia Brasileira de Letras (1897).

Tal perspectiva atravessou o século XX e permanece em vigor. As histórias da literatura brasileira tradicionalmente estudam apenas a produção de Aluísio Azevedo que mais agradava à elite letrada do seu tempo. Repetem a avaliação hierarquizante dos letrados contemporâneos, que distinguem uma produção “alta”, séria, trágica e moralizadora – o romance realista-naturalista –, de uma produção “baixa”, cômica, voltada às massas, popular e folhetinesca (FANINI, 2003). Como a maior parte dos letrados da época, Aluísio concordava que o romance naturalista era mais importante do que os livros voltados ao consumo. Alegava que fazia tais livros porque havia procura, compensando a escassez de renda e leitores de prosa naturalista, sua verdadeira vocação (MÉRIAN, 2013). Aluísio buscava projetar a imagem de “escritor sério”, que só por necessidade se deixava “prostituir” pela comercialização da literatura, mas, ao longo da carreira, entre 1881 e 1895, atuou nos dois segmentos, simultaneamente, sempre com sucesso, alternando livros trágicos e “sérios”, como *Casa de pensão*, com “livros cômicos”, feitos para vender e entreter, como *Filomena Borges*, ambos publicados em 1884. Seus livros naturalistas foram tão bem-sucedidos quanto os “cômicos”. Não havia falta de público que justificasse as incursões na literatura comercial como meio de sobrevivência.

Entre os vários sucessos de Aluísio Azevedo, há dois livros feitos com erudição e capricho, da produção dita “séria”, que foram recebidos com indiferença pela elite letrada e, por essa razão, negligenciados pela historiografia: *O homem* (1887) e *Livro de uma sogra* (1895). As obras se desviam do modelo realista, nacionalista e moralizador, validado pelos letrados e preconizado em *O cortiço*. Os homens de letras sempre encontravam motivos para elogiar as obras de Aluísio Azevedo, mas reclamavam da falta de brasilidade (ou “cor local”) em *O homem*, e tinham dificuldade de classificar *Livro de uma sogra*, chegando a sugerir que a obra marcava o abandono do naturalismo e o declínio da arte do escritor. O estatuto de “obra menor” (ou incompreensível) associado a esses romances da produção “séria” de Aluísio Azevedo, desde o seu aparecimento, persiste no século XX, quando Lúcia Miguel Pereira (1973, p. 151) os define como “dois dos livros mais falsos que já se tem escrito”, ou quando Alfredo Bosi (1980, p. 193) os destaca, lado a lado, como exemplos dos “desvios melodramáticos ou distorções psicológicas grosseiras” de que foi capaz a prosa naturalista no Brasil. Lucia Miguel Pereira (1973, p. 144) traduz bem a sensação dos letrados contemporâneos (e da crítica posterior) quando define *Livro de uma sogra* como uma obra “ilegível”.

Nesse estudo, propomos redimensionar *Livro de uma sogra* como literatura erótica, popular e cômica, inserida no mercado de bens culturais (BOURDIEU,

1996). Como *O homem*, o livro foi consagrado pelo público e considerado altamente legível. Seu aparecimento, em setembro de 1895, causou “verdadeiro barulho, provocando controvérsias, discussões e comentários nos jornais, nos bondes, nos cafés, nos corredores do parlamento, nas alcovas, em toda parte” (ROURE, 1895, p. 1). Com “linguagem franca, sem ser obscena” (MARTINS, 1979, p. 494), a obra abordava questões candentes que vinham sendo debatidas na imprensa desde 1880 (MÉRIAN, 2013): o casamento, a noite de núpcias, o sexo, o adultério, a gravidez, o parto, a contracepção e o divórcio, que estava em debate no Parlamento naquele ano. Escrito por uma senhora culta e experiente, o livro oferecia uma perspectiva audaciosa e ultrajante de assuntos que interessavam a muitas pessoas. Olímpia, a narradora, é uma viúva que conheceu o tédio sexual e amargou o fracasso do matrimônio. Ao escrever o livro, seu intuito é mostrar à filha e ao genro como evitar esse flagelo, manter viva a chama do prazer e salvar o casamento. O tom é “herético, carnavalesco, grotesco e cômico” (FANINI, 2003, p. 213). Munido de conselhos voltados à “conservação do amor sexual” (AZEVEDO, s.d., p. 174), que damos como subtítulo desse estudo, o livro podia ser lido como uma paródia dos manuais de aconselhamento sexual e matrimonial, uma nova e popular faixa do mercado livreiro do fim do século.

2. O MERCADO LIVREIRO

Livro de uma sogra foi uma publicação destacada num ano fértil e auspicioso para o comércio de livros. Numa crônica de 24 de agosto de 1895, em *O Paiz*, Valentim Magalhães (1895, p. 2) chamou atenção para a quantidade de lançamentos daquele ano: “É realmente notável o movimento literário deste ano. São livros novos sobre livros novos”. A expansão da atividade editorial vinha ocorrendo desde 1870, com o aparecimento de novos periódicos, editores, tipografias e livrarias (DEAECTO, 2011; EL FAR, 2004). No Rio de Janeiro, as veteranas Garnier e Laemmert dominavam o circuito letrado e de maior prestígio social, mas, aos poucos, aparecem editores de literatura popular e “cômica”, voltada ao leitor não-letrado, produzida em material de baixa qualidade e vendida na faixa do livro popular, entre 1 mil e 2 mil-réis³. Esses agentes operavam de acordo com as leis do mercado e prosperavam à revelia dos juízos da elite letrada (TEIXEIRA, 2021). Aqui se destacam os “romances de sensação” e os “livros para homens”, eufemismo de literatura licenciosa, que vendiam aos milhares (EL FAR, 2004). Um editor conhecido de livros populares foi Pedro Quaresma, da Livraria do Povo. Ele publicou dois *best-sellers* do fim do século: o “romance de sen-

3 Na década de 1890, um livro de 300 páginas custava em média 3 mil-réis. Para efeito de comparação, 1 mil-réis era o preço de uma refeição barata numa pensão no centro do Rio.

sação” *Elzira, a morta de virgem* (1886), de Pedro Ribeiro Viana, e o romance naturalista *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel, comercializado a 2 mil-réis como “livro para homens” (MENDES, 2019).

Outro livreiro popular do período e destacado na crônica foi Domingos Magalhães, da Livraria Moderna, editor de *Livro de uma sogra*. Como Valentim Magalhães, outros cronistas louvaram seu empenho em publicar autores estreados e irrigar as livrarias com novas edições. Ele vendia literatura popular e licenciada, mas ambicionava atuar no circuito letrado e manter loja na rua do Ouvidor, como as concorrentes Garnier e Laemmert (FARIA, 2016). Propôs contratos de publicação menos mercenários do que existiam até então, estabelecendo um patamar mais alto de remuneração dos autores. Sua política editorial era publicar livros que atraíssem escândalo e compradores. Nessa toada, acolheu o novato Adolfo Caminha (BEZERRA, 2009). Em 1893, publicou seu romance de estreia, *A normalista*, sobre um caso de incesto e, logo em seguida, no mesmo ano de *Livro de uma sogra*, o explosivo *Bom-Crioulo*, sobre um marinheiro negro e gay. Confiante na novidade do material, vendia os romances de Aluísio e Caminha na faixa de produto superior, a 4 mil-réis. Magalhães reconhecia o potencial erótico dos livros e não se decepcionou. Os milhares de exemplares de *Bom-Crioulo* e *Livro de uma sogra* se esgotaram rapidamente (BEZERRA, 2009; MÉRIAN, 2013). Com o pseudônimo de Gavroche, Artur Azeve-

do comemorou o sucesso do editor e do irmão com uma quadra rimada em *O Paiz*:

Uma fortuna logra
O Magalhães – digo – sem medo
Vendendo o *Livro de uma sogra*
Do Aluísio Azevedo (O Paiz, 17 set. 1895, p. 1).

Além dos “romances de sensação” e “livros para homens”, havia outra faixa popular do comércio livreiro: os “manuais práticos”, especificamente aqueles voltados a tornar o leitor mais competente na vida amorosa e sexual (FONTOURA JR, 2019). O livro de Aluísio continha uma “filosofia sobre o amor conjugal e os meios práticos de obter-lhe a duração” (AZEVEDO, s.d., p, 25). Nessa área, o grande inovador foi Pedro Quaresma, que publicou o *Dicionário das flores, folhas e frutos ou Manual dos namorados*, de D. Juan de Botafogo (pseudônimo de Figueiredo Pimentel). O livro ensinava como expressar desejo de forma cifrada e trazia vários modelos de cartas de amor. Numa reedição de 1894, a Livraria do Povo destacou suas qualidades: “telégrafo amatório por meio do qual podem os namorados se corresponder sem pronunciar uma só palavra e nem mesmo ser compreendido pelas pessoas estranhas ao namoro (pobres pais)” (O PAIZ, 5 ago. 1894, p. 9). Quaresma vendia outros títulos voltados ao mesmo público, como *Tesouro dos amantes*, “nova coleção de cartas para ambos os sexos”, e *Conselheiro dos amantes*, “nova e velha coleção

de cartas amorosas” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 30 set. 1890, p. 4). Numa perspectiva mais burguesa e circunspecta, Julia Lopes de Almeida publicou o *Livro das noivas* (1896), com dicas sobre o dia do casório, a maternidade, o manejo do lar, e até como lidar com as sogras. Aos olhos do público, pelo título, estilo e substância, o *Livro de uma sogra* se parecia com essas publicações.

3. O SOGRISMO

Uma novidade do livro era ter no centro uma figura vilipendiada pelo patriarcado: a sogra, a mãe da esposa, a mulher rebaixada em segundo grau, idosa e inútil. A obra comunicava-se com um extenso anedotário sobre a impertinência das sogras, estafermos que atrapalhavam a vida das famílias, especialmente dos genros. É nesse contexto de má fama dessas mulheres que Olavo Bilac saúda o aparecimento do livro de Aluísio Azevedo como uma inovação que as redimia. Numa crônica no número 20, da revista *A cigarra*, a 19 de setembro de 1895, assinando com o pseudônimo Fantasio, o escritor cria uma narrativa bíblica, alternativa do pecado original, na qual tornar-se sogra era uma das punições de Eva por ter sido enganada pela serpente e comido o fruto. Como as dores do parto e a submissão aos maridos, o sogrismo era um castigo imposto à mulher desde a Criação. Fantasio é

patriarcal quando graceja que “pior do que chegar à sogra é ficar para tia”, mas prevê que o livro agradará às mulheres e perturbará os homens, especialmente os genros (FANTASIO, 1895, p. 2). Esse dado explica parcialmente o sucesso do livro e, ao mesmo tempo, a resistência a ele entre os homens de letras, quase todos genros. Em outro gesto de inversão, o cronista alega conhecer muitos maridos sustentados pelas mães de suas esposas, como é o caso de Leandro, o genro de *Livro de uma sogra*: “Pois bem, tudo o que sou, devo a minha sogra! O capital é dela!” (AZEVEDO, s.d., p. 12).

A crônica de Fantasio ajuda a entender como o livro podia ser lido numa chave cômica. Desde os tempos antigos, as sogras vinham sendo martirizadas pelos poetas satíricos. Os jornais do fim do século estão cheios de casos e anedotas que envolvem conflitos entre genros e sogras, sendo comum retratar a última como ser peçonhento e demoníaco. Na pena de Gavroche, Artur Azevedo metrificava pilhérias dirigidas às sogras, acusando a sua de depená-lo: “Fiquei sem nada na algibeira/Uma questão com a sogra tive/Ralhou comigo a tarde inteira/Nem por outra coisa o diabo vive” (*O PAIZ*, 8 ago. 1890, p. 2). Nessa vertente, um autor conhecido foi Júlio Camisão. Ele tinha a própria coluna em *O Paiz*, chamada “Musa das sogras”, na qual publicava poemas satíricos sobre o tema. Em 1898, os poemas foram reunidos e publicados em volume com o mesmo título. Numa coluna

na *Gazeta da Tarde*, o articulista Salomar (1896, p. 1) manifestou apreço por Júlio Camisão, praticante da “sátira pungente de Juvenal” e seguidor “do nosso Gregório de Matos”. Além do aspecto de “manual de aconselhamento”, o *Livro de uma sogra* se comunicava com o imaginário maldizente de *Musa das sogras*, e podia ser visto como uma contribuição a essa antiga tradição satírica. Num soneto publicado na coluna de Camisão, a sogra é mais forte do que uma “jararaca” – um dos impropérios lançados por Leandro contra Olímpia (AZEVEDO, s.d., p. 198).

MUSA DAS SOGRAS

Mais forte

Uma grande jararaca
Investiu desesperada
Contra uma sogra zangada
E forte qual rija estaca.

Quem forte inimigo ataca
A força tem preparada;
Mas viu-se a cobra danada
Junto de outra menos fraca.

A cobra investiu potente,
A sogra aplicou-lhe o dente,
Com todo o garbo a venceu.

Veneno tendo de sobra,
A sogra conteve a cobra
Que em pouco tempo morreu... (O Paiz, 26 jun. 1895,
p. 2).

4. LIVRO IMORAL

A leitura de *Livro de uma sogra* como obra popular implica a existência de um público significativo que o via como “livro imoral”, apimentado e transgressivo, especialmente na questão sexual. O debate sobre a moralidade na literatura marcou a crítica do período. Os defensores da moralidade do naturalismo partiam do pressuposto materialista de que era moral tudo o que fosse natural; e, portanto, imoral tudo o que fosse contra a natureza (ALMEIDA, 2013). Essa ideia é defendida em *Bom-Crioulo*, *O cortiço* e *Livro de uma sogra*, mas era um posicionamento minoritário, perturbador e controverso, especialmente nos circuitos letrados e de maior prestígio social. Desde o tempo de *O mulato*, Aluísio Azevedo tinha fama de “escritor perigoso” (GARCIA-CAMELLO, 2018). A imagem de “escritor sério” que projetava era combatida por católicos e conservadores. Mesmo Valentim Magalhães (1895, p. 2), que defendia a moralidade do naturalismo, achava o assunto de *Livro de uma sogra* muito “escabroso” para ser debatido na imprensa. O romance desafiava noções tradicionais de público e privado. Tinha ares de obra clandestina, como os “livros para homens”. Garcia Redondo (1895, p. 2) achou o livro “perigoso” e confessou que não o daria aos filhos adolescentes para ler. Escritores proeminentes como José Verissimo e Machado de Assis nunca se convenceram da moralidade do naturalismo (MENDES; CATHARI-

NA, 2019). *Livro de uma sogra* não os empolgou. Para Verissimo (1895, p. 116), era mesmo “perigoso” e “imoral”.

O escritor que possivelmente melhor revela a opinião popular sobre o livro é Agenor de Roure. Ele atuava na imprensa como cronista parlamentar e frequentava os mesmos espaços dos homens de letras, mas só conhecia Aluísio Azevedo de vista. Pelo jornal *O Paiz*, Roure se desculpa por entrar em seara alheia – a crítica literária –, mas ficara realmente impressionado com *Livro de uma sogra*. Tinha “assunto tão interessante, tratado com tanto cuidado e observação”, que o leitor sentia necessidade de anotar à margem, como “apartes a um discurso notável que provoca aplausos e protestos no auditório” (ROURE, 1895, p. 1). Embora criticável em muitos aspectos, era irresistível. Os comentários de Roure ajudam a entender como o livro ultrapassava barreiras e tornava-se atracente para o público: colocava o desejo sexual acima de tudo, governando a todos; não acreditava em “amor conjugal”, apenas em “paixão carnal”; decretava que o fim do “amor sexual” era o fim do casamento; via o homem como mercadoria, descartável e substituível, como “sócio na procriação”; rebaixava o casamento para o homem e o elevava para a mulher; fazia a apologia da traição conjugal e do “amor da amante”; defendia a separação e o divórcio; sugeria o aborto e a contracepção. Olímpia defende essas ideias em nome da moralidade, ou seja, do que é natural. Para Roure

(1895, p. 1), entretanto, a doutrina da sogra, embora fascinante, era “subversiva e imoral”.

A narradora feminina era um aspecto da “imoralidade” do livro. Pelo *Jornal do Commercio*, Caldas Vianna (1895, p. 1) diz que era difícil “imaginar que é uma mulher que escreve ali umas tantas cousas”. Olímpia se parecia com as “narradoras materialistas femininas” da literatura libertina, como no anônimo *Teresa Filósofa* (1742), que cultivavam o livre pensamento e expressavam os desejos de forma tão veemente como os homens (JACOB, 1999, p. 185). O fato de as personagens serem criações masculinas não diminuía o impacto que causavam. Olímpia escreve um manual de aconselhamento matrimonial a partir da constatação, por experiência própria, de um princípio libertino: a inconstância do desejo sexual. Apresenta o livro como “minhas pesquisas filosóficas” (AZEVEDO, s.d., p. 28). Valentim Magalhães descreve Olímpia como “astutamente filósofa” e Fausto Cardoso propõe que, com *Livro de uma sogra*, Aluísio Azevedo deixava de ser romancista para se tornar “filósofo” (A. A., 1895, p. 1). No século XIX, a palavra remetia aos *philosophes* do Iluminismo, quando “livros filosóficos” significava “livros sobre sexo” (DARNTON, 1996). O debate sobre a melhor alternativa para a felicidade de Palmira (capítulos V e VI) – esposa ou amante? – se parecia com os diálogos de Pietro Aretino, em *Ragionamento della Nanna e della Antonia* (1534), quando as prostitutas Nanna e Antonia aventam sobre o melhor caminho

para Filippa, filha da primeira: “o de freira, o de mulher casada ou de puta” (ARETINO, 2006, p. 14). Pelo aspecto fantasioso e mesmo absurdo das teses do *Livro de uma sogra*, Verissimo (1895, p. 116) propõe que “a ação é de baixa comédia”, o que comprova sua apropriação como livro cômico e apimentado pelo grande público.

5. CONSELHOS DA SOGRA

Aluísio Azevedo se cerca de todos os cuidados para dar crédito às doutrinas de Olímpia. Ela vinha de um casamento dos sonhos com o médico Virgílio Xavier da Câmara, bonito, culto, rico, de “costumes irrepreensíveis” (AZEVEDO, s.d., p. 21), que amou com paixão por vários anos, até se instalar o tédio sexual, levando à desilusão e à separação. Para mostrar boa-fé, diz que só tomou coragem para escrever o livro quando soube que Virgílio sentia o mesmo que ela. Cita um manuscrito do ex-marido no qual ele confessa que tinha 35 anos e Olímpia 26 quando se deu conta de que não a desejava mais. Tinham 8 anos de casados e um casal de filhos. Depois que as crianças nasceram, foi perdendo o interesse pela mulher. Muitas vezes teve relações sexuais com ela pensando em outras. Imagina que Olímpia percebia a atração dele por outras mulheres. Compreende que ela também suportava suas carícias com sacrifício. Às vezes no-

tava que ela estava cansada e não queria ter relações, mas cedia mesmo assim, quase dormindo, sem prazer, por obrigação. Pergunta-se se era justo condenar as mulheres insatisfeitas que buscavam prazer fora do casamento e cometiam adultério. Era uma desgraça, mas miséria maior era o casamento sem “amor sexual”. Olímpia decide encontrar um modo de conservar a satisfação sexual na relação monogâmica de longo prazo. Ironicamente, o que legitima o empreendimento hedonista é fazê-lo em nome da moralidade e da manutenção do casamento burguês. Promete que Palmira conhecerá “a grande e próspera volúpia” por toda a vida:

Não! Minha filha há de amar e ser dignamente amada, com todo o ardor, com todo o entusiasmo, com toda a grande e próspera volúpia de que é capaz o verdadeiro amor! E não somente durante o noivado, mas sempre, por toda a vida, todos os dias e todos os instantes. Minha filha há de ser feliz! (AZEVEDO, s.d., p. 43).

6. NOITE DE NÚPCIAS

O primeiro sexo de um casal era um momento importante, especialmente para as mulheres. No manual de aconselhamento *O que os noivos não devem ignorar: Filosofia prática do amor entre os dois sexos* (1907), o Barão de Alfa, pseudônimo do escritor por-

tuguês Alfredo Gallis, cria uma narrativa ficcional para mostrar como o homem devia se comportar na noite de núpcias para tornar o primeiro sexo de uma rapariga uma experiência inesquecível. Era um conhecimento precioso, difícil de encontrar, sobretudo se abordado do ponto de vista da mulher. Relatos femininos sobre o sexo e o prazer só podiam ser encontrados em romances licenciosos e libertinos. Muitas moças iam para o primeiro sexo sem informação sobre o que ia acontecer, transformando a noite de núpcias numa experiência traumática. Esse não era caso da rica e ilustrada Olímpia, que sabia o que esperar. Mesmo assim, sua primeira noite, com o par perfeito, foi desoladora. Ela faz uma crítica ao ritual da lua de mel da época, que aparece em outros romances de Aluísio, como *Filomena Borges*: a obscena preparação da cama dos noivos; a vexatória exposição das “vítimas” aos comentários jocosos dos padrinhos; dois jovens deixados a sós, nus, “presos na mesma alcova”, indivíduos que se presume nunca trocaram “carícia sensual” (AZEVEDO, s.d., p. 148); e, no dia seguinte, as pilhérias dos parentes e amigos. O sexo da lua de mel de Olímpia foi brutal, mecânico e frio, o primeiro dessabor de sua vida de casada. Por isso, impede que Palmira se submeta a esse ritual.

Esse trecho de *Livro de uma sogra* (cap. XV) é franco e audacioso. Um fragmento dele foi publicado no número 8 de *A cigarra*, a 27 de junho de 1895, no contexto de divulgação da obra por Bilac, diretor da revis-

ta, e outros apoiadores de Aluísio Azevedo. A lua de mel não era natural. Não havia espontaneidade. Era um constrangimento para os noivos: “Reinará sempre mais vexame do que felicidade entre o casal que se vê duramente entalado na decantada lua de mel” (AZEVEDO, s.d., p. 144). O “amor natural” precisava de um período “transitivo de beijos furtados e desejos mal contidos” (AZEVEDO, s.d, p. 144). O único sexo verdadeiro era aquele “produzido exclusivamente pela fatalidade dos instintos” (AZEVEDO, s.d., p. 147). Era o mesmo axioma do romance naturalista: a natureza, sendo tudo o que existia, era necessariamente moral. O fragmento vinha acompanhado de uma caricatura de Julião Machado representando um casal no dia do casamento (figura 1). O noivo aparece de terno preto e gravata. De vestido branco, véu e grinalda, a noiva segura um buquê. Aparecem enclausurados num recipiente de vidro fechado, como um pote de conserva. A imagem sugeria que a cerimônia de casamento marcava o ingresso numa clausura conjugal, na qual os noivos seriam obrigados a conviver cotidianamente, sem lhes ser permitido válvula de escape. O discreto tinteiro com a pena de escritor remetia à autoria feminina do livro, a sogra.



V. 8, e-196896, 2023: *Caricatura de Julião Machado para o Livro de uma sogra, A cigarra, n. 8, Rio de Janeiro, 27 jun. 1895, p. 3.*

No capítulo XV, Olímpia confessa vexames difíceis de assumir porque eram admissões de fracasso na única seara que importava para uma mulher de seu estrato social: a união do casamento. Diz que quando se viu a sós com Virgílio, seu único desejo era fugir e pedir socorro. Estavam nervosos e não sabiam o que dizer. Ele caiu aos seus pés e lhe agradeceu por aquela felicidade, mas não era sincero, era para dizer qualquer coisa para sair daquela situação difícil. Olímpia também mentiu, pois o que mais desejava naquele momento era que Virgílio se retirasse de sua presença: “Pobre de nós! Começamos a mentir um para o outro desde o primeiro dia do nosso consórcio” (AZEVEDO, s.d., p. 150). Não era tola e não temia

“o primeiro contato com um homem”, mas sentiu-se desrespeitada no seu “direito de vontade”. Relata o que devia ser a experiência inconfessável de muitas mulheres na lua de mel: foi uma “noite de sacrifícios”. Por isso, muitas moças, ao invés de dizerem “enfim, sós”, pensavam, aterrorizadas: “É agora!” (AZEVEDO, s.d., p. 148). Por fim, Olímpia faz a confissão mais íntima: não atingiu o orgasmo. Na segunda noite não foi melhor. Poucas mulheres desmistificariam assim a própria lua de mel. O terror da situação a impediu de ter a lubrificação necessária para o ato sexual, de modo que aquilo “que devia ser bom e natural” transformou-se “em verdadeira violência”. Só mais tarde aprendeu a sentir prazer no sexo com o marido:

Não tive o menor gozo; tudo me fez sofrer, sofrer de-
veras; não só no moral, como fisicamente, e muito. Sofri
e padeci, porque, na preocupação sobressaltada de es-
perar aquela noite, e no constrangimento e no choque
daquele primeiro encontro, assim tão cerimonioso,
tão previsto e tão festejado, sem atingir o necessário
grau de apetite sexual, privou-se da indispensável e
benéfica lubrificação com que a natureza proteto-
ramente habilita e prepara, em tais casos, os nossos
delicados órgãos do amor. E essa falta transformou
um ato, que devia ser bom e natural, em verdadeira
violência. Fez-me doer; fez-me chorar (AZEVEDO, s.d.,
p. 151).

7. RUÍDOS E ODORES

O cheiro de objetos e corpos, bons e ruins, foi uma novidade perturbadora do naturalismo. O contemporâneo Max Nordau (1895, p. 13) julgava a “imundície da arte de Zola e seus discípulos” uma afronta olfativa. Em *O cortiço*, o espectro olfativo incluía o “cheiro azedo do corpo” da imigrante portuguesa Piedade, mas também o aroma de baunilha dos cabelos da mulata Rita Baiana (AZEVEDO, 1973, p. 96). Numa resenha simpática a Zola e ao romance *La Terre* (1887), Artur Azevedo manifestou incômodo com a descrição de um personagem soltando gases digestivos (ELÓI, O HERÓI, 1887, p. 1). Era um limite que, em nome do decoro, nem o naturalismo podia ultrapassar. Isso dá a medida da audácia que significava uma mulher falar sobre os ruídos e odores da vida de casados, e como eles afetavam a saúde sexual do consórcio. O odor desempenhava papel importante na harmonia conjugal, pois “o cheiro natural do corpo é por vezes o bastante para desfazer o laço amoroso de um par” (AZEVEDO, s.d., p. 90). Um “flato mal disfarçado” podia ser o primeiro evento de rebaixamento mútuo (AZEVEDO, s.d., p. 89). Olímpia se refere a Balzac e ao seu *Fisiologia do casamento* (1846) como um predecessor que tratou do assunto de forma humorística. A flatulência é, por excelência, matéria da comédia. Para evitar o ridículo mútuo de um casal soltar gases na frente um do outro, Palmira segue a principal medida da doutrina da

sogra: a habitação em casas separadas, com períodos intermitentes de afastamento, de modo a manter vivos o respeito e o “amor sexual”.

Além de gases e mau hálito, Olímpia realça o cheiro da mulher menstruada: “A mulher, durante certos períodos fisiológicos, deve ser para o marido um ente inacessível” (AZEVEDO, s. d., p. 91). Apoiase no Levítico para implementar, nessas ocasiões, o regime de afastamentos. Não havia melhor autoridade do que a Bíblia para fundamentar as teorias da sogra. Aluísio Azevedo usou técnica parecida em *O homem*. Metáforas e imagens religiosas são acionadas para descrever o sexo entre Magdá e o trabalhador Luís. Tal técnica de descrição de atividade sexual vinha do barroco e era usada nos “livros para homens” (MENDES, 2016). Outros autores usaram o recurso da autoridade bíblica. Em *Mártires da virgindade* (1900), Alfredo Gallis defende, como Olímpia, que o orgasmo era essencial para a saúde física e mental dos indivíduos. Para suavizar a proposição libertina, encontra na frase bíblica “Crescei e multiplicai-vos” uma tradução mais palatável do mesmo princípio carnal (GALLIS, s.d., p. 160). Nesse espírito, Olímpia propõe a separação do casal e o fim da união quando se apaga a chama sexual: “que vá cada um procurar além novo consórcio para o seu amor porque ainda podeis ser aproveitáveis para a única verdadeira missão que a natureza exige de vós, procriar e procriar bem” (AZEVEDO, s.d., p. 94).

Numa sociedade católica e conservadora, “procriar” funcionava como signo erótico.

8. GRAVIDEZ E PARTO

Assim que Palmira exhibe os primeiros sinais de gravidez, Olímpia determina que Leandro deve viajar para a Europa e só voltar a vê-la quando estivesse recuperada da provação e o bebê tivesse 1 mês de vida. O casal reage mal. Palmira ameaça interromper a gestação para não se submeter à exigência descabida. A sogra os convence, mas para conseguir tal façanha, precisa apresentar um quadro aterrador, desiludido e “científico” da gravidez, do parto e da maternidade, que não apareceria no *Livro das noivas*, de Julia Lopes de Almeida. O ponto de vista é brutalmente fisiológico. A gravidez deforma o corpo da mulher. Nos meses finais, ela fica “abatida, desbotada, sem cintura, com os pés inchados, a cara intumescida, as pernas trôpegas, o ventre enorme, e o estômago em revolta” produz “engulhos e mau hálito” (AZEVEDO, s.d., p. 193). Na visão de Olímpia, o prazer sexual mal sobrevivia ao nascimento do primeiro filho. Por isso, era preciso só ter um, deixando subentendido que a mulher estava autorizada a usar métodos contraceptivos (e mesmo interromper a gravidez) para atingir esse fim e “conservar o amor sexual”, como notou, escandalizado, Agenor de Roure, em *O Paiz*. Se testemunhasse

a gestação e o parto, o genro jamais veria a filha com os mesmos olhos. Não conhecia marido que tivesse escrito versos à esposa na época da gravidez. Leandro não se recuperaria da visão da “pobre criatura enfeada pelo parto” (AZEVEDO, s.d., p. 213).

Nessa visão catastrófica, o parto é apresentado como um momento de exposição vexatória do corpo da mulher, de perda total de controle sobre ele, causando nos presentes, especialmente nos maridos, uma “impressão que escandaliza os olhos, os ouvidos e o olfato”. É um “sangrento drama, que comove e repugna, que faz dó e faz náusea” (AZEVEDO, s.d., p. 195). Depois do nascimento, enquanto o bebê “vai roubando à mãe todos os carinhos sensuais do marido dela, o que é a mulher? É uma pouca de carne dolorida e mole que está ali sobre a cama” (AZEVEDO, s.d., p. 196). Sem poder se lavar e se pentear como gostaria, sua única satisfação é “seu estado de alívio, depois que despejou a carga que a oprimia por tantos meses e que lhe fazia sofrer dores físicas e sobressaltos morais” (AZEVEDO, s.d., p. 196). Sugere que a gravidez era uma experiência opressiva para a mulher e que havia o “gozo animal” da expulsão, transformando o bebê – “um ensanguentado feto, uma posta vermelha de lodo vivo” (AZEVEDO, s.d., p. 195) – numa descarga equivalente à de outros processos corporais. A criança podia ser um problema para as relações íntimas do casal, atrapalhando a retomada da rotina sexual. Sendo o intuito de Olímpia “conservar o amor sexual”,

todas as outras obrigações da mulher estavam subordinadas àquela meta, incluindo a maternidade.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos compreender o *Livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo, como produto cultural bem sucedido, que esgotou edições e agradou milhares de leitores, foi lido e debatido em espaços públicos e privados, marcou posição no mercado editorial e se destacou na pauta cultural do país, de 1895 até a virada do século. Como explicar essa comunicabilidade com o público? As respostas estão nas pregações dos homens de letras, que reconheciam o talento do autor, mas lastimavam o assunto “escabroso” do livro, acusado de inverossímil, contraditório, “perigoso”, “imoral” e “cômico” – julgamentos que o rebaixavam aos olhos da elite letrada. Pois foram esses mesmos predicados que tornaram o livro popular no primeiro momento de circulação. Ele compartilhava espaços e significações com os “manuais práticos”, que enchiam as livrarias do período. Comunicava-se com o “sogrismo”, uma antiga tradição satírica que passava por Gregório de Matos e tinha coluna nos jornais. Veiculava informação sobre o sexo no casamento, chegando a defender o amor livre e a traição conjugal como formas legítimas de buscar a satisfação sexual. Era tudo feito em nome da moralidade e de preceitos bíblicos,

da manutenção das hierarquias patriarcais, do decoro e do casamento burguês. Era absurdo, ultrajante, satírico, apimentado, divertido e informativo. Como *O homem*, independente das pretensões de Aluísio Azevedo e das opiniões dos homens de letras, o *Livro de uma sogra* é mais bem compreendido como um *best-seller* erótico da literatura brasileira da *Belle Époque*. O sexo libertário, narrado por uma mulher, foi a razão do seu sucesso e da marginalização e esquecimento posteriores.

REFERÊNCIAS

- A. A. (pseud. Artur Azevedo). Palestra. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 7 out. 1895. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 22 set. 2020.
- ALMEIDA, Leandro Thomaz de. *Literatura naturalista, moralidade e natureza*. Tese (doutorado em História Literária). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2013.
- ARETINO, Pietro. *Pornólogos I – Ragionamento della Nanna e della Antonia – Diálogo das Cortesãs*. São Paulo: Editora Degustar, 2006.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Americana, 1973.
- AZEVEDO, Aluísio. *Livro de uma sogra*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- BEZERRA, Carlos Eduardo. *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

DARNTON, Robert. *Sexo dá o que pensar*. In: NOVAES, Adauto (org.). *Libertinos libertários*. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p. 21-42.

DEAECTO, Marisa Midore. *O império dos livros. Instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: EDUSP, 2019.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

ELÓI, O HERÓI [pseud. Artur Azevedo]. De Palanque. *Novidades*, Rio de Janeiro, 18 out. 1887. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 28 set. 2017.

FANINI, Ângela. Maria Rubel. *Os romances-folhetins de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas*. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/84646>

FANTASIO (pseud. Olavo Bilac). *Crônica Literária. A cigarrera*, n. 20, Rio de Janeiro, 19 set. 1895. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 12 jul. 2020.

FARIA, Maraisa Gabriela de. *As barbas espantadiças do público: uma história da edição, circulação, recepção e fortuna crítica de Bom-Crioulo, de Adolfo Caminha*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016. <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/6879>

FONTOURA JR, Antônio José. *Pedagogias da sexualidade e relações de gênero: os manuais sexuais no Brasil (1865-1980)*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019. <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60287>

GALLIS, Alfredo. *Mártires da virgindade: romance patológico*. São Paulo: Edições Jupiter, s.d.

GARCIA-CAMELLO, Cleyciara. *A filha do conselheiro: cientificismo, licenciosidade e promoção publicitária em O homem, de Aluísio Azevedo*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Rio de Janeiro: Universidade do Estado

do Rio de Janeiro, 2018. <https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/6241>

JACOB, Margaret. O mundo materialista da pornografia. In: HUNT, Lynn (org.). *A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade*. São Paulo: Editora Hedra, 1999, p. 169-215.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. IV (1877-1896). São Paulo: Cultrix, 1979.

MENDES, Leonardo. *O aborto*, de Figueiredo Pimentel: naturalismo, pedagogia e pornografia no final do século XIX. In: MENDES, Leonardo & CATHARINA, Pedro Paulo (org.). *Figueiredo Pimentel, um polígrafo na Belle Époque*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2019, p. 261-349.

MENDES, Leonardo. Biblioteca Galante: a *Gazeta de Notícias* e a popularização da pornografia no Brasil pós-1870. *Brasiliana. Journal for Brazilian Studies*, v. 9. n. 1, p. 239-258, 2020.

MENDES, Leonardo. “Livros para homens”: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. *Cadernos do IL*, n. 53, p. 173-191, 2016.

MENDES, Leonardo; CATHARINA, Pedro Paulo. Le naturalisme brésilien au pluriel. *Brésil(s). Sciences Humaines et Sociales*, n. 15, p. 1-22, 2019.

MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Garamond, 2013.

NORDAU, Max. *Degeneration*. New York: D. Appleton & Company, 1895.

PEREIRA, Lucia Miguel. *História da literatura brasileira. Prosa de ficção, de 1870 a 1920*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

REDONDO, Garcia. *Chronica paulista. O Paiz*, Rio de Janeiro, 7 out. 1895. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 25 jan. 2020.

ROURE, Agenor de. *O Livro de uma sogra* (impressões de leitura). *O Paiz*, Rio de Janeiro, 13 e 17 out. 1895. <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 13 nov. 2020.

SALOMAR. Júlio Camisão e sua obra literária. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 3 maio 1896. <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 24 ago. 2021.

SANTOS. J. Crônica Literária. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 18 nov. 1898. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso 15 jun. 2021.

TEIXEIRA, Hendie. *A fórmula de sucesso vende atentado ao pudor: os best-sellers no Rio de Janeiro (1880-1910)*. Tese de doutorado (História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

V. (pseud. Valentim Magalhães). É realmente notável.... *A Notícia*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1895. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 12 jul. 2020.

VERISSIMO, José. A questão do casamento: a propósito do *Livro de uma sogra*. *Revista Brasileira: jornal de sciencias, lettras e artes*, Rio de Janeiro, edição 4, tomo IV, p. 109-122, outubro a dezembro de 1895. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 21 ago. 2019.

V. M. (pseud. Valentim Magalhães). *Semana Literária*. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 23 set. 1895. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso 18 nov. 2020.

VIANA, Caldas. *Livro de uma sogra*. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 set. 1895. Disponível em <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 28 set. 2020.